DESINFORMAÇÃO NA MEMÓRIA COLETIVA

Inês Dias[1], Lara Rodrigues[2], Erica Silva[3], Gabriel Couto[4], Noémia Quicanga[5], A.P Camarinha[6,7]

1,2,3,4,5,6 ,Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (Portugal)

7CEOS-PP

Resumo

A desinformação influencia de forma significativa a construção da memória coletiva, facilitando a assimilação e partilha de informações falsas e promovendo a formação de falsas memórias no seio dos grupos sociais. Este artigo analisa os mecanismos cognitivos e sociotécnicos que sustentam essa influência, articulando-os com o papel da mediação digital, das redes sociais e dos algoritmos de recomendação na consolidação de narrativas distorcidas. A análise enquadra-se numa revisão crítica da literatura produzida entre 2020 e 2025, focando contributos dos estudos da memória, ciências da informação, psicologia cognitiva e estudos sobre desinformação. Discutem-se ainda os impactos socioculturais e informacionais dessas distorções, bem como estratégias de mitigação baseadas na literacia mediática, verificação de factos, políticas regulatórias e instituições culturais. O artigo propõe um quadro conceptual atualizado que relaciona desinformação, processos de memória coletiva e ecossistemas informacionais contemporâneos.

Palavras-chave: Desinformação; Memória coletiva; Identidade social; Impactos sociais da memória; Falsas memórias.

Abstract

Disinformation significantly influences the construction of collective memory, facilitating the assimilation and sharing of false information and promoting the formation of false memories within social groups. This article analyses the cognitive and socio-technical mechanisms that underpin this influence, linking them to the role of digital mediation, social networks and recommendation algorithms in consolidating distorted narratives. The analysis is part of a critical review of the literature produced between 2020 and 2025, focusing on contributions from memory studies, information sciences, cognitive psychology, and studies on misinformation. The sociocultural and informational impacts of these distortions are also discussed, as well as mitigation strategies based on media literacy, fact-checking, regulatory policies, and cultural institutions. The article proposes an updated conceptual framework that relates disinformation, collective memory processes, and contemporary informational ecosystems.

Keywords: Disinformation; Collective memory; Social identity; Social impacts of memory; False memories.

1. INTRODUÇÃO

A desinformação consolidou-se como um elemento central na formação da memória coletiva, moldando tanto a identidade social quanto a forma como o passado é interpretado. A disseminação veloz de informações falsas nas plataformas digitais, intensificada pelo uso de tecnologias de inteligência artificial, amplia significativamente esses impactos. Embora pesquisas recentes tenham avançado no tema, ainda persistem lacunas na compreensão dos mecanismos pelos quais a desinformação afeta a memória coletiva. Este fenómeno torna-se especialmente relevante num contexto de crescente personalização algorítmica, expansão de conteúdos automatizados e intensificação das disputas memoriais em ambientes digitais.

Assim, este artigo procura responder às seguintes questões de investigação: (i) os conceitos fundamentais associados à memória coletiva e à desinformação, (ii) a relação entre estes fenómenos e (iii) estratégias eficazes para mitigar os seus efeitos na construção da memória coletiva.

2. METODOLOGIA

Adotou-se uma revisão da literatura, com análise crítica de publicações científicas e documentos institucionais relevantes entre 2020 e 2025, em português e inglês. Foram consultadas bases como Google Académico, Elsevier e B-on, além de portais da UNESCO e da Comissão Europeia. O critério de seleção priorizou trabalhos diretamente relacionados à memória coletiva e desinformação, garantindo atualidade e relevância do corpus. A revisão seguiu uma abordagem interdisciplinar, integrando contributos provenientes da psicologia cognitiva, dos estudos dos media, das ciências da informação e das políticas públicas sobre integridade informacional.

2.1 Conceito de Memória Coletiva

A memória coletiva refere-se às recordações do passado compartilhadas por grupos sociais, que moldam a identidade coletiva e influenciam a interpretação dos acontecimentos históricos (Halbwachs apud Cordonnier et al., 2022; Yasseri et al., 2022). Na era digital, estes processos tornam-se particularmente dinâmicos, uma vez que plataformas sociotécnicas atuam como mediadoras de visibilidade, circulação e preservação de narrativas.

2.2 Desinformação e falsas memórias coletivas

A desinformação, definida como informação falsa ou apresentada de forma manipuladora com o objetivo de induzir erro (Bliss et al., 2020), contribui para a formação de memórias coletivas distorcidas — narrativas socialmente compartilhadas que alteram a percepção de fatos históricos. Um exemplo é o “Efeito Mandela”, no qual grandes grupos compartilham recordações erradas (Lee, 2025; Ueno, 2022). Estudos recentes reforçam que este fenómeno emerge não apenas da incorporação cognitiva individual, mas da validação social contínua em ambientes informacionais caracterizados por reforços algorítmicos e dinâmicas de grupo.

2.3 A Relação entre Memória Coletiva e Desinformação

A desinformação recorre a mecanismos cognitivos, como o efeito da verdade ilusória, e a dinâmicas sociais, amplificadas pelo contexto digital, para inserir narrativas falsas na memória coletiva (Newman et al., 2022; Adriaansen & Smit, 2025). Ela também influencia o esquecimento coletivo, omitindo eventos incómodos e reforçando narrativas hegemónicas (Murphy et al., 2025). Este cruzamento entre mecanismos cognitivos e dinâmicas sociotécnicas constitui um ponto central do modelo conceptual que estrutura este artigo.

2.4 O Papel da Inteligência Artificial na Desinformação

A IA desempenha papel duplo: amplifica a desinformação através de deepfakes (conteúdos audiovisuais hiper-realistas manipulados digitalmente que representam pessoas a dizerem ou fazerem coisas que nunca aconteceram, decorrentes do uso avançado de IA e machine learning. (Fernando et al., 2025)), algoritmos de recomendação e conteúdos gerados automaticamente (Lundberg, 2024; Romanishyn, 2025), mas também pode auxiliar na verificação de factos, rastreabilidade de conteúdos e educação digital (EDPB, 2025; UNESCO, 2021). Os algoritmos de personalização, ao influenciarem o que é visto, recordado ou esquecido, transformam-se em coautores das narrativas coletivas presentes no espaço digital.

2.5 Impactos Sociais e Culturais da Desinformação na Memória Coletiva

A exposição à desinformação gera falsas memórias, com 40–60% de indivíduos incorporando recordações incorretas de eventos (Schincariol et al., 2024). Os impactos sociais incluem distorção de decisões políticas e de saúde, e implicações na comunicação e nos media, afetando a coesão social e a confiança nas instituições. Estes impactos estendem-se ao domínio informacional, colocando desafios à preservação, curadoria e mediação de conteúdos fiáveis por parte de instituições culturais e educativas.

3. RESULTADOS

Os resultados desta revisão evidenciam que o combate à desinformação e à manipulação da memória coletiva exige uma abordagem articulada que una educação, jornalismo, tecnologia e cultura. A alfabetização mediática e digital destaca-se como um eixo fundamental, reforçando a capacidade crítica dos cidadãos para identificar manipulações e analisar a credibilidade das fontes. Esta orientação está em consonância com recomendações de organizações como a Comissão Europeia (2022), a DGE (2023) e a UNESCO (2023). Iniciativas educativas, como o LEME, demonstram como estas competências podem ser integradas de forma sistemática nos contextos escolares.

No campo do jornalismo, o fact-checking tem desempenhado um papel essencial na validação pública da informação, como ilustrado por iniciativas como o Polígrafo e o Projeto Comprova

(Polígrafo, 2024; UNESCO, 2023). Estes projetos não apenas desmentem conteúdos falsos, mas também promovem literacia mediática ao envolverem os públicos em processos de avaliação da veracidade.

A regulação das plataformas digitais emerge como outro eixo estruturante. Instrumentos como o Digital Services Act reforçam a necessidade de maior transparência e responsabilização no funcionamento dos sistemas algorítmicos, mitigando riscos associados à moderação de conteúdos e à opacidade dos mecanismos de recomendação (Comissão Europeia, 2022).

Em paralelo, a inteligência artificial apresenta uma dualidade significativa. Por um lado, a disseminação de conteúdos sintéticos e deepfakes amplia a escala e a sofisticação da desinformação; por outro, tecnologias de IA têm sido usadas para verificação de factos, rastreamento de origem e identificação de manipulações (UNESCO, 2021; EDPB, 2025). O desafio contemporâneo reside em promover práticas éticas, reguladas e transparentes que potenciem os benefícios enquanto limitam os danos.

O impacto da desinformação na memória coletiva, como demonstrado por Schincariol et al. (2024), inclui a formação de falsas memórias em grande parte da população, afetando processos de tomada de decisão e confiança institucional. Para além do que é lembrado, a desinformação molda também o esquecimento coletivo, tal como indicado por Murphy et al. (2025), influenciando quais eventos permanecem ou desaparecem das narrativas sociais.

As instituições culturais e educativas — escolas, universidades, bibliotecas e museus — surgem como mediadoras essenciais neste processo. Ao promoverem pensamento crítico, pluralidade de perspetivas e contextualização histórica, contribuem para reforçar a resiliência informacional da sociedade. Assim, os resultados desta revisão apresentam uma visão integrada em que literacia, jornalismo, regulação, tecnologia e cultura constituem pilares complementares na resposta à desinformação.

4. CONCLUSÕES

A memória coletiva constitui um pilar na formação das identidades sociais e culturais, servindo de referência para a interpretação do passado e para a construção do futuro. A desinformação interfere profundamente nesse processo ao alterar como os eventos são registados e partilhados, criando memórias distorcidas que afetam a perceção pública, a participação cívica e a coesão social. Estudos indicam que a desinformação explora limitações cognitivas, como o efeito da verdade ilusória, e dinâmicas sociais potencializadas pelo ambiente digital, onde plataformas, algoritmos e IA aceleram a circulação e a incorporação dessas narrativas falsas na memória coletiva.

Mais do que acrescentar falsidades, a desinformação reorganiza seletivamente o que é lembrado e esquecido, gerando versões concorrentes da realidade que ameaçam a integridade da memória coletiva. A revisão realizada mostra que esta interferência resulta da articulação entre

mecanismos cognitivos individuais, infraestruturas sociotécnicas e dinâmicas socioculturais, que tornam este fenómeno particularmente complexo e persistente.

Responder eficazmente a estes desafios exige o reforço da literacia mediática e digital, capacitando os cidadãos a identificar manipulações e a validar informações. Isso deve ser acompanhado por práticas rigorosas de fact-checking, políticas de regulação das plataformas digitais e uso responsável da inteligência artificial. O papel das instituições educativas e culturais revela-se igualmente central, uma vez que promovem pensamento crítico, contextualização histórica e acesso a narrativas plurais.

Assim, o modelo conceptual delineado neste trabalho evidencia que o combate à desinformação requer uma intervenção coordenada e multissetorial, capaz de distinguir entre interpretações legítimas, crenças sociais e manipulações intencionais. A integridade da memória coletiva depende da articulação entre literacia, regulação, verificação, ética tecnológica e mediação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adriaansen, R.-J., & Smit, R. (2025). *Collective memory and social media*. *Current Opinion in Psychology, 65*, 102077. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2025.102077

Bliss, N., Bradley, E., Garland, J., Menczer, F., Ruston, S. W., Starbird, K., & Wiggins, C. (2020). *An agenda for disinformation research* (arXiv:2012.08572). arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2012.08572

Bonacho, F., & Quaresma Tomás Pontes, M. J. (2025). *A literacia como resistência à desinformação*. http://hdl.handle.net/10400.21/21974

Comissão Europeia. (2022). *Digital Services Act package*. https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/policies/digital-services-act-package

Comissão Europeia. (2022). *Orientações para professores: Promover a literacia digital e combater a desinformação*. https://education.ec.europa.eu

Cordonnier, A., Rosoux, V., Gijs, A.-S., & Luminet, O. (2022). Collective memory: An hourglass between the collective and the individual. *Memory, Mind & Media, 1*, e8. https://doi.org/10.1017/mem.2022.1

Direção-Geral da Educação. (2023). *Combater a desinformação e promover a literacia digital*. Ministério da Educação. https://www.dge.mec.pt

European Data Protection Board. (2025). *AI privacy risks & mitigations in large language models*.

Fernando, T., Priyasad, D., Sridharan, S., Ross, A., & Fookes, C. (2025). *Face deepfakes — A comprehensive review* (arXiv:2502.09812). arXiv. https://doi.org/10.48550/arXiv.2502.09812

Hoskins, A. (2021). Memory ecologies. *Memory Studies, 14*(3), 389–396.

Lee, T. (2025, May 8). *False memories, explained*. University of Chicago News. https://news.uchicago.edu

Long, D., & Magerko, B. (2023). Algorithmic literacy in the age of AI. *Information and Learning Sciences, 124*(5–6), 311–327.

Lundberg, E. (2024). The potential effects of deepfakes on news media and public trust. *AI & Society, 39*(3), 541–556. https://doi.org/10.1007/s00146-024-02072-1

Murphy, G., Egan, R., & Greene, C. M. (2025). Memories for public events in the internet age: Fake news, false memories, and filter bubbles. In Q. Wang & A. Hoskins (Eds.), *The remaking of memory in the age of the internet and social media* (pp. 119–134). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780197661260.003.0008

Newman, E. J., Swire-Thompson, B., & Ecker, U. K. H. (2022). Misinformation and the sins of memory: False-belief formation and limits on belief revision. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition, 11*(4), 471–477. https://doi.org/10.1037/mac0000090

Otgaar, H., Howe, M. L., Mangiulli, I., & Smeets, T. (2023). False memories in the digital age. *Memory, 31*(7), 995–1010.

Polígrafo. (2024). *Plataforma portuguesa de verificação de factos*. https://poligrafo.sapo.pt

Romanishyn, A. (2025). AI-driven disinformation: Policy recommendations for democratic resilience. *Frontiers in Artificial Intelligence, 8*, 1569115. https://doi.org/10.3389/frai.2025.1569115

Schincariol, A., Otgaar, H., Greene, C. M., Murphy, G., Riesthuis, P., Mangiulli, I., & Battista, F. (2024). Fake memories: A meta-analysis on the effect of fake news on the creation of false memories and false beliefs. *Memory, Mind & Media, 3*, e14. https://doi.org/10.1017/mem.2024.14

Trindade, J., & Boettcher, T. P. (2024). Falsas memórias coletivas: Da literatura para o direito e outros exemplos – Parte II. *Boletim IBCCRIM, 32*(378), 20–22. https://doi.org/10.5281/zenodo.10685166

Ueno, A. (2022, December 21). *O que são memórias coletivas falsas e quais os seus impactos?* Jornal USP. https://jornal.usp.br

UNESCO. (2021). *Recomendação sobre a ética da inteligência artificial*. https://unesdoc.unesco.org

UNESCO. (2023). *Media and information literacy curriculum for educators and learners*. https://www.unesco.org

Yasseri, T., Gildersleve, P., & David, L. (2022). Collective memory in the digital age. In *Progress in Brain Research* (Vol. 274, pp. 203–226). Elsevier. https://doi.org/10.1016/bs.pbr.2022.07.001